

## IRACEMA, UM VALOR SIMBÓLICO

Beatriz Alcântara

*Poeta, contista e ensaísta, professora da UECE, mestra em Literatura pela UNB, escritora premiada em todo o Brasil, possui vários livros publicados. pertence às Academias: Cearense de Letras, , Fortalezense de Letras, Letras e Artes do Nordeste Brasileiro e Carioca de Letras*

*Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes  
da carnaúba:  
Verdes mares que brilhaiis como liquida esmeralda aos raios do sol nascente,  
perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros:  
Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco  
aventureiro manso resvale à flor das águas.*

Com este parágrafo se inicia **Iracema**, romance de José de Alencar denominado por Machado de Assis como poema em prosa, e também por ele profetizado como um livro que haveria de vir a ser reconhecido, no futuro, como obra-prima.

Reacender a leitura crítica para apresentar uma obra-prima da Literatura Brasileira é missão muito instigante, tanto pelos desafios a entrecortarem veredas quase insondáveis, quanto pelo prazeroso reencontro com a obra por si só.

O livro **Iracema: lenda do Ceará**, ícone da Literatura brasileira, está este ano completando cento e quarenta anos do lançamento de sua primeira versão datada de 1865, publicada por Viana & Filhos do Rio de Janeiro e sendo agora lançada em edição fac-similada a partir de um exemplar pertencente à biblioteca particular do Sr. José Mindlin, num esforço conjunto da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e da Editora Giordanus, entre outras entidades e pelo especial empenho do poeta cearense Virgílio Maia.

Acresce e dá riqueza à réplica da mais antiga edição do romance alencarino, as ilustrações da artista Côca Torquato alusivas, como convém, ao universo da índia tabajara.

**Iracema: lenda do Ceará**, um dos mais renomados romances do escritor cearense José Martiniano de Alencar (1829-1877) integra o elenco de obras raras da Literatura do Brasil que possibilita perscrutar as manifestações do tempo por meio da inserção dos fatos históricos nele contidos, enquanto se apresentam as distensões dos atos e vontades dos humanos seres que o Autor, tão oportunamente, executa em sua ficção.

À luz do terceiro milênio, a lenda cearense de Alencar apresenta-se como o nascedouro da estética romântica brasileira no romance, revestindo-se desde sempre, como a mais bela louvação aos primórdios da terra, da gente, dos falares e dos costumes cearenses.

A ressaltar ainda, sob o enfoque literário contemporâneo, que Alencar introduziu e habilitou a história do Brasil como assunto de romance, vertente que vem se consolidando pela sucessão de vários romancistas neste gênero até aos contemporâneos, Ana Miranda, João Ubaldo Ribeiro, Rubem Fonseca e Antonio Torres entre muitos outros mais.

Alencar, ao denominar seu romance indianista **Iracema: lenda do Ceará**, estava não só propondo o resgate da lenda - o universo idílico e impreciso da memória coletiva onde o ato da escrita ficcional pode ocorrer e inovar sem pejo de afrontar a veracidade histórica – mas também procurava extrair do cerne deste gênero, a lenda, a intenção de alcançar uma maior credibilidade factual. A leitura de uma colonização ideal, a fusão dos saberes das diferentes culturas.

*Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.*

*Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira...Mais rápida que a corsa selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipú, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara.(Cap.II)*

A partir do romance-lenda e da invenção alencarina da palavra

IRACEMA, um universo de possibilidades despontaram e o autor as apontou desde as notas iniciais à primeira edição indicando o núcleo embrionário do vocábulo:

Iracema – em guarany - lábios de mel –  
de **ira**/mel e **tembe**/lábios.

**Tembe** na composição altera-se em **ceme** - IRACEMA

O historiador de Literatura, Afrânio Peixoto, sessenta e quatro anos depois do lançamento da 1ª edição do romance, levantou a hipótese, no número 89 da revista da Academia Brasileira de Letras, de que a palavra IRACEMA pudesse ser anagrama de América.

A suposição passou a ser do agrado tanto de estudiosos quanto leigos, a ponto de hoje ser prioritariamente referida e quase ser relegada ao esquecimento a proposta de seu criador.

O compositor contemporâneo, Chico Buarque de Holanda, em uma homenagem crítica aos brasileiros mal parados mundo afora globalizado, menciona na música “Iracema voou” de 1998, uma certa Iracema do Ceará, emigrante de seu anagrama América:

*“Iracema voou/ para a América/ leva roupa de lã/ e anda lépida/ vê um filme de quando em vez/ não domina o idioma inglês/ lava chão numa casa de chá./ Tem saído ao luar/ com um mímico/ ambiciona estudar/ canto lírico/ não dá mole pra polícia/ se puder, vai ficando por lá/ tem saudade do Ceará/ mas não muita/ uns dias, afoita/ me liga a cobrar;/ - É Iracema da América.”*

Para que não se perca o registro, outro autor de música popular brasileira, Adoniran Barbosa, já havia composto em várias décadas passadas o samba paulistano “Iracema” com uma breve participação junto aos “Demônios da Garoa”, mas o enfoque acha-se por todo modo dissociado do nosso tema.

Mantenha-se, todavia, o registro do uso disseminado do nome IRACEMA em terras tupiniquins.

Ainda para que se meça a atualidade desse romance alencarino, existem no site de busca Google Brasil da Internet, numa pesquisa com

demora de 0,16 segundos, um total de 7.080 resultados encontrados de “Iracema – José de Alencar”.

Quando o Romantismo irrompeu no Brasil na década de 30 do século dezenove, ele apresentava um nacionalismo eufórico e exacerbado pela Independência do país em 1822. A produção literária romântica brasileira, ainda que se orientando pelos mesmos postulados estéticos da escola romântica europeia, adquiriu contornos extremamente próprios e renovadores, tendo a eles se adicionado o projeto de construção de uma identidade nacional.

A busca de uma nova forma de expressão lingüística, os temas ligados à exuberância da natureza tropical, as questões político-sociais, o indianismo e o nacionalismo foram os traços marcantes dessa geração literária no Brasil.

Por meio de uma narrativa fulgurante, o escritor propiciou o nascedouro de uma grande inovação, uma escrita de feição renovada pelo contato da língua portuguesa com as tradições, os ritos e os falares das nações indígenas, a fauna e a flora nativas, a terra de areias nuas, as serras que azulam no horizonte, as suaves brisas do entardecer e o mar bravo do nordeste brasileiro.

“Iracema é, em verdade, um grito da terra. Apelo da terra, nas suas exigências ecológicas, querendo completar-se com o homem fator-geográfico”, expressão de Raimundo Girão em **Botânica Cearense na Obra de Alencar e Caminhos de Iracema**.

O fato renovador gerado pelos aspectos lingüísticos alencariños foi além da introdução de um bom número de palavras da Língua Geral Tupi-Guarani ou do registro da terra de matas, serranias, vales agrestes e praias selvagens.

Câmara Cascudo, um nordestino sempre reverenciado pela expressão aguda de sentir os fenômenos culturais da região, referiu-se deste modo ao comentar a identificação nacional com a obra e os personagens de Alencar: “... muito dessa irresistível atração foi o

vocabulário de Alencar, o brilho, a musicalidade verbal. A imagem inebriante e soberba para o seu tempo, as graças capitosas da minúcia, da precisão, da habilidade idiomática e mesmo sua sintaxe, as concessões ao sabor local, os neologismos, brasileirismos, enfim a liberdade ousada, aberta, corajosa, ostensiva, em empregar uma técnica que era eminentemente sua e que apaixonou o Brasil inteiro”. Alencar conseguiu transpor e dar sustentação à aparente inocência da expressão oral indígena para a língua portuguesa. A escrita normativa lusa adquiriu uma renovada feição pelo falar e sentir de uma nova gente, o povo brasileiro, que na lenda de Iracema, iniciava-se na miscigenação da índia de cabelos mais negros que a asa da graúna com o guerreiro branco que acedeu, por puro encanto aos filhos da terra a se tatuar Coatiabo – primeiro, pela virgem tabajara Iracema e, depois, pelo amigo guerreiro pityguara Poty.

*Foi costume da raça, filha de Tupã, que o guerreiro trouxesse no corpo as cores de sua nação. Traçavam em princípio negras riscas sobre o corpo, à semelhança do pelo do coaty...*

*O estrangeiro tendo adotado a pátria da esposa e do amigo, devia passar por aquela cerimônia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupã.*

*Poty se proveu dos objetos necessários...Iracema preparou as tintas.*

*O chefe, embebendo as ramas da pluma, traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos, que ornavam a grande nação pityguara. Depois pintou na frente uma flecha...no braço um gavião...no pé esquerdo a raiz do coqueiro...no pé direito pintou uma asa...Iracema tomou a rama da pena e pintou uma folha com uma abelha...assim como a abelha fabrica mel no coração negro do jacarandá, a doçura está no peito do mais valente guerreiro*

*...meu irmão é um grande guerreiro da nação pityguara; ele precisa de um nome na língua de sua nação*

*...Coatiabo! exclamou Iracema.*

*Tu disseste; eu sou o guerreiro pintado...*

*A filha de Araken foi buscar à cabana as iguarias do festim e os vinhos de jenipapo e mandioca. (Cap. XXIV)*

Martim, o guerreiro branco que se deixou pintar por todo o corpo, logo Coatiabo, foi, pela mão do romancista cearense, integrando-se e rendendo-se, por inteiro, aos hábitos, ritos, costumes e mesmo à lírica expressão verbal indígena. A interpretação de uma colonização harmônica sem conflitos exacerbados, uma ficção só possível enquanto lenda.

O romancista pretendeu evidenciar a sabedoria das duas raças fundadoras, com nativos e conquistadores brancos se revestindo sempre de gestos nobres e heróicos, um conquistador, o guerreiro de tez branca desejoso de não ser mais o outro, o estranho, e sim um outro, outro que tal os outros, nativos.

Ao estrangeiro, nada soava estranho na civilização dessas nações indígenas de práticas coletivas – o plantio, a colheita e o preparo do milho, da mandioca e do algodão, atividades exclusivamente das mulheres; a caça, a pesca e os sonhos da Jurema só aos homens permitidos.

Iracema, a vestal tabajara que colhe os frutos sagrados, fabrica a bebida de Tupã, guarda o segredo da Jurema e o mistério dos seus sonhos, a cada lua nova acompanha o pajé Araken, seu pai, no ritual sagrado dos guerreiros da tribo. A lua nova representava para os índios o nascimento de um novo ciclo e por isso era sempre festejado.

*Os guerreiros seguem Irapuan ao bosque sagrado, onde os espera o Pajé e sua filha para o mistério da jurema. Iracema já acendeu os fogos da alegria. Araken está imóvel e estático no seio de uma nuvem de fumo.*

*Cada guerreiro que chega depõe a seus pés uma oferenda a Tupã. Traz um a suculenta caça; outro a farinha d'água; aquele, o saboroso piravem da traíra. O velho Pajé, para quem são estas dádivas, as recebe com desdém.*

*Quando foram todos sentados em torno do grande fogo, o ministro de Tupã ordena o silêncio com um gesto, e três vezes clamando o nome terrível, enche-se do deus que o habita:*

*- Tupã!...Tupã!...Tupã!...*

*Três vezes o eco ao longe repercutiu.*

*Vem Iracema com a iguácha cheia do verde licor. Araken decreta os sonhos a cada guerreiro, e distribui o vinho da jurema, que transporta ao céu o valente tabajara.....*

*Todos sentem a felicidade tão viva e contínua, que no espaço da noite cuidam viver muitas luas. As bocas murmuram; o gesto fala; e o Pajé que tudo escuta e vê, colhe o segredo das almas desnudas.*

*Iracema, depois que ofereceu aos guerreiros o licor de Tupã, saiu do bosque. Não permitia o rito que ela assistisse ao sono dos guerreiros e ouviu falar os sonhos .(Cap.XVI)*

Por todos os modos, o guerreiro branco se queria reconhecer como um da terra. Martim participava e se rendia ao bom uso da inteligência emocional indígena, como por exemplo, a fruição da hospitalidade do pagé Araken, pai de Iracema, na grande taba guerreira inimiga:

*No meio da cabana, entre as redes armadas em quadro, estendeu Iracema a esteira de carnaúba, e sobre ela serviu os restos da caça, e a provisão de vinhos (de caju e ananás) da última lua. O pagé bebia no cachimbo o fumo sagrado de Tupã, que lhe enchia as arcas do peito; o estrangeiro respirava ar às golfadas para refrescar-lhe o sangue efervescente; a virgem destilava sua alma como o mel de um favo (cap.XII)*

A rede é, por certo, a maior herança emocional brasileira advinda das nações indígenas. No colo da rede, todos pensamentos se permitem ter origem, se aninham, se transmutam e se renovam. O mancebo branco a ela também se rendeu:

*Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento...*

Alencar transpôs para a ficção lendária de Iracema a permanência e o uso do mais maleável recipiente do corpo humano: a rede nordestina. Ela permeia o terreno da ternura onde a dor e o sofrimento se refazem pelo aconchego em repouso.

A noite, senhora do mistério escuro, na cama indígena origina o entendimento do amor e a ilusão do sonho enquanto promove o descanso para ao novo dia entregar a alma ao corpo, por todo modo reparada.

A rede, universo do refúgio, está intimamente ligada à simbologia feminina da taça – gravidez e nascimento – afeita que também se acha à imagem de acolhimento e gestação do novo.

Que mais poderia estar integrado ao universo onírico do repouso no imaginário humano, do que este berço ancestral dos índios?

*A alva rede que Iracema perfumara com a resina de beijoim guardava-lhe um sono calmo e doce. O cristão adormeceu ouvindo suspirar, entre os murmúrios da floresta. (cap. IV)*

José de Alencar jamais caiu no antagonismo: bons índios contra maus brancos; nem bons brancos contra maus índios; menos ainda a civilização contra o barbarismo. O enfoque sempre foi, desde os primórdios, o do nascimento de uma pátria, e esse ponto de vista sempre se manteve mesmo quando dos embates bélicos, apresentados por ele como uma necessidade para a demarcação, estrutura, construção e fortalecimento de uma nova nação nos trópicos.

Moacyr, em língua indígena, filho do sofrimento de sua mãe, a guerreira Iracema, é o primeiro fruto da miscigenação e igualmente o primeiro emigrante nordestino, assim Alencar já se indagava desta sorte:

*O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel... Moacyr, o primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra pátria. Havia aí a predestinação de uma raça? (Cap. XXXII)*

Cearensidade é uma designação que vem ganhando espaço e uso, notadamente em certos meios culturais.

O escritor José Martiniano de Alencar com seu romance indianista **Iracema: lenda do Ceará** oportunizou o testemunho do nascedouro do povo cearense, o registro da topografia, da fauna e da flora da região, como também nos apresentou os alimentos, os usos e os costumes nativos ancestrais.

Muitos e notáveis escritores cearenses louvaram com arte, conhecimento e sensibilidade a sua terra natal, porém poucos conseguiram expandir e notabilizar o registro da cearensidade como Alencar e sua mais notável obra, o romance **Iracema: lenda do Ceará**.

### **BEATRIZ ALCÂNTARA**

*Academia Cearense de Letras*

*Fortaleza, 26 de julho de 2005*

*Esta plaqueta foi apresentada pela Autora em:*

. OBOÉ Centro Cultural, Fortaleza, 06.02.2004;

. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 15.03.2004;

. Universidade Aberta- Centro de Estudos das Migrações e das Relações Internacionais, Lisboa, 14.06.2004;

. Palácio Iracema, Abertura Celebrações 140 anos

1ª edição romance IRACEMA, 15.02.2005 e

. Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 26.07.2005.